



DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea
Lua Cheia, Abril de 2010, nº 126



Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

Assim como o vento espalha o alarido dos passarinhos, na construção de novos ninhos para acolher sua prole, é possível que você sinta o zumbido polinizador acontecendo internamente, quando você se abre para uma possibilidade de união. O Universo reconhece e celebra cada momento mágico, quando a criação se percebe pronta para compartilhar a vida. São sinos de campanha que se mesclam harmoniosamente a uma sinfonia divina, são nuances inéditas colorindo tudo que recebe o seu olhar, a delícia inesquecível que inspira versos até em quem nela ainda não mergulhou.

É unindo seu coração a outro que você pode vislumbrar uma fração da manifestação divina. É quando o mundo passa a fazer mais sentido, quando você se surpreende com um súbito entusiasmo preenchendo sua rotina e como se, a partir de então, a vida fosse prosseguir em eterna manhã de domingo.

Entretanto, filha amada, é fundamental que anoiteça e que o sol nos permita conhecer outras estrelas. Na noite da alma é que você pode aquilatar com verdade o quanto está inteira em uma relação de amor. Pois para amar alguém, é imprescindível estar inteira! Uma vez que cada filha e filho meus foram criados em plena beleza, não há qualquer metade de laranja sofrendo de solidão, não há o que complementar.

Para que a dança dos pares seja abençoada com o êxito, é importante que essa união de opostos aconteça, primeiramente, dentro de cada coração. Quando o seu céu interno cobrir de amor realizador a terra fértil onde repousam as suas reais necessidades e os seus sonhos, permita-se florescer, sob o sol da Vontade divina. Assim será tecido o ninho, onde uma plena vivência de amor se dará, em exuberante manifestação de prazer e cristalina alegria, como uma ária à felicidade, como um ritual para Mim.

Em bênçãos de plenitude,
Aquele que é.

Dançávamos numa noite clara
Eu e tu
que és o outro
que viestes somar
de mãos dadas, palmas abertas
sorriamos cúmplices pela vida-morte-vida
reatávamos velhos desejos
entregávamos ao vento as palavras incertas
e assobiando mediante o festejo
rodopios para junto de ti
que sou eu ao inverso
E mesmo separados
Tão inteiros e mutantes
Pude sentir aqui dentro
Toda tua força paterna, ó Sol
Eu, tua amada Terra
Carregando em meu ventre nosso fruto
Gastávamos cada minuto daquela primavera!



Clarissa Vargas



Mãe Terra Curitiba

Aqui estou eu. Em Curitiba. No lobby de um hotel classudo de nome inglês.

Neste lobby onde estou, há duas TVs ligadas. Na primeira, que se encontra à minha esquerda, jogos de futebol. Sons de narração televisiva de jogo de futebol. A outra está em um canto, pendurada na parede. Essa, com o som desligado, exhibe imagens que não consigo decifrar: panorâmica na parte interna de uma casa (uma foto dinâmica de revista de decoração de interiores)... fotos diversas em preto e branco... uma mulher de blusa azul falando - parece estar respondendo a uma entrevista. Nos autofalantes do hotel uma música que eu não consigo decifrar, algo eletrônico em inglês.

Duas telas, dois sons, três aparelhos ligados.

Pergunto ao garçom do bar onde me encontro se isso tudo tem mesmo que ficar ligado. Ele me responde que é a norma. Compreendo sua posição mas...

Como assim?... É a "norma"? Que norma é essa que diz que em pleno derretimento do planeta, que em tempos de chuvas torrenciais gerando desabrigados em vários lugares do país, que em tempos de reflexão coletiva sobre o papel da espécie humana na teia da vida, uma televisão tenha que ficar ligada mesmo que ninguém esteja assistido? E porque essa necessidade de tanta imagem, de tantos sons simultâneos sobrepondo-se em barulho. Porque a necessidade de uma tela permanentemente ligada?

Divido o quarto com uma colega de curso. Bato na porta antes de entrar. A TV está ligada.

No banheiro, leio:

"PENDURE SUAS TOALHAS QUE NÃO NECESSITEM SER TROCADAS"

Estimativa da UNESCO destaca que, até 2050, três bilhões de pessoas em 48 países enfrentarão problemas de escassez de água. O uso racional é a melhor forma de prevenirmos a falta de água e de energia elétrica.

Participe !

O que será que faz com seja importante diminuir a lavagem de toalhas, mas, igualmente importante, deixar todas as TVs e o som do lobby ligados simultaneamente e permanentemente?

O que será que podemos aprender com isso para que possamos, nós também, contribuirmos com a tal da Sustentabilidade?



Helena Maltez



Contos de Loba

Kayla, a pequena leoa bailarina

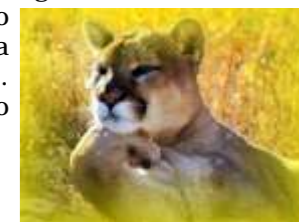
Ao longo do caminho, em algum ponto entre o dia e a noite, quando ainda não há luz nem escuridão, deixamos algo para trás. Algo que devíamos ter alimentado, cuidado, acariciado... Simplesmente algo em nós que precisava da nossa presença materna.

Mas, ocupado que estávamos em atender, em correr, em buscar fôlego como náufragos, esquecemos desse algo em nós que precisava essencialmente de nós.

Eu custei a entender, porque eu sentia tanta dor, quando a minha loba Kiara faleceu, há alguns meses atrás. Eu sabia que algo em mim também tinha partido, eu só não sabia que parte era essa. Agora eu sei... A loba sempre me guiou na escuridão, na sombra da floresta. Ela me ensinou a farejar o ar, a rastrear o caminho, a ir e voltar sempre que fosse necessário. Ela me ensinou a ficar sozinha comigo mesma, a ter minha própria voz, meu uivo, meu próprio espaço. Embora os lobos pertençam a uma matilha, eles nunca perdem a sua independência, sua identidade. A minha loba me ensinou a ser eu mesma. Ela tinha um olho claro, azul como o céu, e outro negro, como a noite. E através dela eu descobri que eu também tinha um olho azul e outro negro, e para eu ver e entender o meu mundo, o seu mundo, esse mundo, eu tinha que fazer como ela, enxergar tudo, com meus dois olhos diferentes. Assim, a loba me ensinou a ver muito além das aparências, das superficialidades, do fim da linha. Ela me ensinou a ver dentro de mim. Dentro da floresta, a farejar cada sombra, a rastrear o caminho, a percorrê-lo. Assim, meu peito se encheu de tristeza, quando ela partiu, porque eu sei que sua tarefa para comigo tinha terminado, assim como o doutorado, o grupo Arco-íris e tantas outras coisas. Esse ciclo de aprendizado se fechou, com luz, como a Kiara. Na minha revolta, na minha raiva e tristeza, eu me fechei. Eu não queria sofrer, eu não queria ninguém. E a dor ficou mais intensa.

Então, um dia eu lembrei, como era bom ter a Kiara ao meu lado, seus beijos de nariz de manhã, suas mordidas de leve no braço, correndo e pulando para ir para a rua. E pensei, eu quero um novo amigo, eu quero ter de novo um coração batendo ao lado do meu. Eu não quero estar só. Onde estavam os lobos? Abri o olho azul e o outro negro. Cadê a floresta? Era tudo savana, era tudo Cerrado, amarelo como o sol. E lá no meio da savana, no coração da savana, estava um lindo filhote de leão, uma leoa na verdade. Kayla, que em árabe significa ramo de louro e é escolhido por diversas bailarinas como nome artístico. Louro, uma árvore do gênero Laurus, que na Grécia antiga era símbolo da vitória, mas que na Idade Média era usado para afastar raios e demônios. Filha de Sekhmet, a leoa guia e protetora, que diz que a raiva faz parte da nossa força. Kayla, filha de Bastet, a deusa-felina da alegria e da brincadeira, o outro lado de Sekhmet. Como resistir a ela? Sua dança, seus snujes. Seu pêlo sedoso, resplandecente como o sol, seu corpo forte, seu sorriso brincalhão jogado na relva. Deitei ao seu lado e me entreguei. Entreguei-me ao novo. À pequena leoa bailarina. Ao novo ciclo. Ao Lua Nova. O que tenho a aprender com ela? Eu não sei... Mas, algo me diz que brilha como o sol!

Com amor
Ana Cris





Mirella Faur Sabbat Beltane

Os povos antigos consideravam a viagem circular da Terra ao redor do Sol uma roda –chamada Roda do Ano - que representava a eterna dança da natureza no fluir dos ciclos naturais e humanos de: nascimento, desabrochar e crescimento, florescimento, maturidade e frutificação, envelhecimento, decadência e morte, seguida de renascimento e renovação. Há pelo menos doze mil anos, em várias culturas ao redor do mundo, eram celebradas as transformações da natureza ao redor da Roda do Ano com festivais, sejam solares (solstícios e equinócios), sejam de fogo (que marcavam os pontos intermediários entre os festivais solares) e denominados pelos povos celtas de Sabbats. Seguiam-se as datas do calendário agrícola – plantios, colheita, a condução para os pastos e o abate dos animais – marcados por encontros comunitários, que aos poucos assumiram características festivas e religiosas, consagrando assim a relação e conexão dos seres humanos com as forças cósmicas, solares e telúricas.

As celebrações dos Sabbats têm múltiplos e complexos significados, dos quais o maior é a reverência das polaridades: Deus/Deusa, céu/Terra, homem/mulher, vida/morte, transitório/permanente, comemorando a passagem do tempo e os ciclos das estações. Na eterna dança da natureza o Deus nasce, morre e renasce, enquanto a Deusa passa da infância para maturidade, maternidade, envelhecimento, transformação e renovação, sem jamais morrer, pois é Ela que gera a vida, como é a própria vida. A Deusa é a Terra que contém em si o Deus, o princípio dinâmico e criativo que resplandece, define e ressurgem como Seu filho e consorte. A sua união simboliza o hieros gamos, o casamento sagrado e a polaridade da vida e morte, que é representada pelos Sabbats.

Na Roda do Ano, Beltane, e seu oposto Samhain, eram os maiores festivais da tradição celta, marcando o início do verão e do inverno, as duas metades do seu ano calendarístico. Beltane representava o casamento sagrado do Deus e da Deusa, a união do céu com a Terra, que espelhava a exuberância e a vitalidade da natureza e visava o aumento da produtividade da terra e da fertilidade em todos os reinos. Seu nome foi inspirado nas fogueiras que eram acesas nesta data em todas as colinas da Irlanda e Grã-Bretanha - chamadas balefires - e possivelmente era dedicado a um ancestral deus irlandês do fogo, Belenus ou Beltene. Beltane era originariamente um festival pastoral, marcando a ida dos rebanhos de gado para os pastos, ao qual foram acrescentadas com o passar do tempo, rodas de danças ao redor de um mastro e rituais de purificação. As pessoas pulavam sobre as fogueiras acesas pelos sacerdotes druidas buscando purificação, atrair a sorte e a proteção; depois os casais iam para os bosques celebrarem sua união. Havia encenações de combates ritualísticos entre representantes dos poderes da escuridão e da luz, e sacrifícios, no início autênticos, depois para mostrar a morte do velho rei – ou da anciã - do inverno e o triunfo dos jovens reis do verão. No dia seguinte os homens traziam galhos verdes dos bosques e os colocavam na frente das casas para atrair a proteção. O mastro - simbolizando a nova vida – era escolhido entre as árvores mais vigorosas da floresta e levado em procissão pelas ruas por rapazes com guirlandas de folhagens e moças enfeitadas com flores.

Acreditava-se que espíritos malévolos e bruxas estavam soltos nesta noite, crença que deu origem a várias superstições e encantamentos de proteção como usar sinos, evitar andar nos bosques ao anoitecer, não se deixar iludir por aparições de fadas, entre tantas outras. A igreja cristã assumiu a “proteção” do povo contra as bruxas, primeiro queimando-as nas

fogueiras da Inquisição e depois conduzindo missas e procissões para espantá-las das moradas e dos campos, onde eram os próprios padres que acendiam as fogueiras dedicadas a alguns santos milagreiros. Por não conseguir erradicar as memórias das antigas celebrações pagãs, a igreja católica declarou o mês de maio consagrado à Maria e às noivas, em lugar de junho dedicado a Juno, a padroeira romana das uniões e das mulheres.

Existiam nesta data celebrações semelhantes em outras culturas, como os festejos romanos de Florália e Bacanália, com alegres encontros entre rapazes e moças enfeitados com guirlandas de flores, atributos de Flora, a deusa da fertilidade e da concepção e de Maia, que regia a energia vital e a sexualidade. No Tirol, até hoje, continuam as festividades de Florália da mesma forma como eram feitas há milhares de anos atrás com alegres danças, canções e brindes de um vinho feito de flores, que tinham sido colhidas no dia primeiro de Maio do ano anterior. Todo o vinho preparado devia ser consumido nas fogueiras acesas na noite de 30 de abril e novas flores eram colhidas na madrugada seguinte. As casas eram enfeitadas com flores, que também eram usadas em profusão em guirlandas e coroas para as moças; os rapazes iam colher nas colinas íngremes dos Alpes as delicadas flores de edelweiss, ofertando-as para suas namoradas em sinal de compromisso, selado na frente das fogueiras.

Na Idade Média era costume as damas e os cavaleiros passearem nos bosques liderados pela “Rainha de Maio”, a mais bonita moça coroadada com flores, cavalgando uma égua branca junto com seu parceiro, o “Rei de Maio”, montado em um reluzente corcel negro. Eles personificavam “A Senhora e o Senhor da Natureza”, cujas bênçãos traziam a fertilização mágica: humana e telúrica, animal e vegetal.

Na Grécia existia o festival do deus Pan, o equivalente do Deus Cornífero do Oeste da Europa (chamado Cernunnos pelos celtas). Ele era o “Senhor da Caça”, o deus ancestral da fertilidade, consorte da Grande Mãe, cujas representações foram encontradas nas cavernas pré-históricas, nas gravações do famoso caldeirão de Gundestrupp e em diversos mitos. Com o passar do tempo os festivais florais e as bênçãos da terra, das fontes e das mulheres transformaram-se em orgias, a licenciosidade e a liberdade sexual passando a serem atributos específicos destes encontros profanos.

Na antiga Alemanha celebrava-se a Noite de Walpurgis, a última noite da metade escura do ano iniciada em Disablot, a festa dos ancestrais (equivalente ao Sabbat Samhain) e oposta na Roda do Ano. No antigo calendário pagão nórdico, nas nove noites que precediam a esta data, comemorava-se a auto-imolação do deus Odin para alcançar a sabedoria das runas. Na última noite eram acesas fogueiras para as purificações e proteção contra os espíritos maléficos, os trolls e os fantasmas que tinham livre trânsito pela terra nesta noite, considerada a festa das bruxas e o final da “Caça Selvagem” conduzida pelo deus Odin. No dia seguinte comemorava-se Majfest, a “Festa de Maio”, a celebração do dom da vida recebido das divindades com alegres procissões, canções e danças. Era evidente o contraste entre a noite povoada de perigos, os encantamentos ao redor das fogueiras, e os festejos de Maio, no dia seguinte - uma data repleta de luz, alegria e comemorada por passeios de casais nos bosques. Escolhiam-se o “Rei e a Rainha de Maio” entre os casais mais bonitos ou atuantes na comunidade que tinham suas mãos entrelaçadas com uma trança de fitas ou flores. Este antigo costume deu origem ao ritual de Handfasting, a união ritualística de casais encontrado nas celebrações dos grupos neo-pagãos, eco-feministas e Wicca.

Na Escandinávia as fogueiras eram dedicadas ao deus solar Baldur e deviam ser acesas pelo método antigo de criar a centelha pelo atrito de dois pedaços de madeira por um casal,



simbolizando a união da Deusa com o Deus. Os noruegueses acreditavam que deviam manter as fogueiras acesas durante toda a noite, enquanto na Rússia recomendava-se que as pessoas deviam passar a noite em vigília e ofertar ervas aromáticas ao fogo para sua purificação e cura. Na Escócia acendiam-se as fogueiras pelo giro de uma roda, sendo este o único fogo permitido neste dia, para fins ritualísticos ou domésticos, enquanto na Irlanda as lareiras eram acesas com as brasas das fogueiras de Beltane levando para as casas um pedaço de brasa e assim atraindo as bênçãos do verão e a boa sorte. Nos países eslavos jovens coletavam na madrugada do dia os galhos para acender o fogo, enquanto as mulheres levavam suas vassouras velhas para serem jogadas nas chamas, representando assim a purificação das casas e das pessoas após os meses de inverno.

Na tradição celta os “Fogos de Beltane” honravam o desabrochar e o desenvolvimento da vegetação, as promessas da abundância da terra fertilizada pelos raios solares (simbolizados pelas chamas), os instintos de acasalamento dos animais e os impulsos amorosos humanos. Eles eram comemorados com danças, música e a encenação do casamento sagrado da Deusa da Terra com o Deus da Vegetação, representados pelos seus sacerdotes. As cinzas das fogueiras eram depois espalhadas nos campos para atrair proteção e abundância das colheitas, bem como usadas em talismãs de fertilidade pelas mulheres estéreis. Os animais eram passados entre duas fogueiras para a sua purificação e proteção contra pragas, o que também era feito com crianças, pessoas doentes ou idosas para afastar azares e doenças.

O principal símbolo de Beltane é o “Mastro de Maio”, cujo costume ainda continua em vigor em muitas regiões rurais de Irlanda, Inglaterra, Escandinávia, Alemanha e América do Norte. Antigamente o mastro era feito do pinheiro usado no Sabbat Yule, no solstício de inverno, descartando seus galhos e decorando-o com fitas vermelhas e brancas, que simbolizavam a cor da Deusa (vermelho para os mistérios do sangue) e de Deus (branco, para o esperma). O mastro era a reprodução da Árvore do Mundo, as raízes fincadas no mundo subterrâneo e os galhos elevados para o céu, o falo divino e celeste que proporcionava o renascimento do espírito através da sua condução para o útero telúrico e materno representado pelo orifício aberto na terra. Como autêntico símbolo fálico, o mastro impregna e fertiliza a terra (que passa do estado de virgem para a maternidade), momento mágico cuja força é tecida pelo entrelaçamento das fitas na dança ao seu redor. Os participantes seguram a fita na cor que representa o sexo feminino ou masculino e entrelaçam cores e energias criando a união das polaridades que irá gerar a energia do próximo ciclo, da natureza e das suas próprias vidas. Um ritmo típico da Inglaterra era Sarasponda que imitava o som de uma roda de fiar e a dança reproduzia o giro da roda solar. Uma dança típica escocesa era realizada por cima de duas espadas dentro de um círculo (representando a roda solar), as espadas simbolizando as polaridades que eram unidas com o movimento da dança. As famosas Morris Dances eram feitas por dançarinos com sinos presos nos tornozelos, os sinos sendo um antigo talismã de proteção contra os espíritos maléficos que perambulavam na noite de Beltane. Até recentemente eram erguidos mastros de maio nos sítios sagrados da Inglaterra, a antiga tradição sendo preservada pelos grupos de danças folclóricas e pelos círculos cerimoniais e ritualísticos atuais. Na Ilha de Man ainda estão sendo encenadas as antigas cerimônias e combates rituais entre o verão e inverno, o verão sendo o vencedor. Na Irlanda e Inglaterra as casas são limpas e depois abençoadas, as moças costumam usar oráculos e presságios para saber sobre seus futuros maridos. Na tradição africana ainda encontrada nos Estados Unidos primeiro de maio é um dia favorável para encantamentos de amor e divinações.

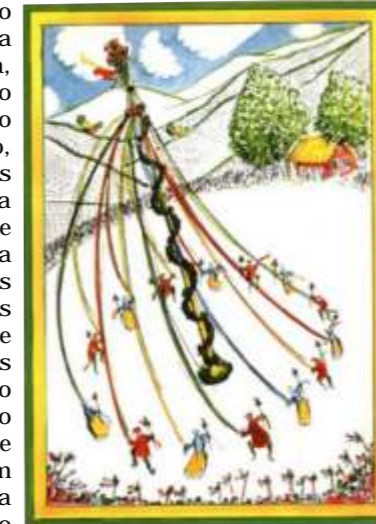
Como o mastro representa o princípio masculino do casamento sagrado entre céu e Terra, espírito e matéria, ele deve ser tratado com muito respeito e reverência. Uma vez cortado e removidos os seus galhos, ele devia ser carregado em uma procissão silenciosa pelos homens solteiros. Depois se abria um

orifício na terra para colocá-lo com muito cuidado, ofertando em seguida água e sal, enquanto as mulheres reunidas em círculo entoavam cânticos e orações para que a Mãe Terra recebesse o seu consorte. O mastro poderia ser unguído com um óleo aromático ou azeite com essências de mirra e artemísia, riscando alguns símbolos sagrados ou rúnicos sobre ele para despertar e abençoar o seu poder viril. Lentamente, o mastro era erguido em silêncio, tendo sido fixado previamente no seu topo um círculo de arame decorado com folhagens e flores (às vezes também ovos pintados), no qual eram presas as pontas das fitas, com bastante atenção para não se embaralharem. Antes de começar a dança das fitas, a fogueira - representando os “Fogos de Beltane” - devia ser acesa ao lado do mastro, em local seguro para não prejudicar a dança, com as devidas evocações para o guardião do fogo e para os seres elementais, muito atuantes nesta data sagrada. Para a dança as pessoas seguram suas fitas estendidas e formam pares, depois seguem uma sequência específica: os homens (ou os números ímpares) avançam por baixo das fitas indo no sentido anti-horário, as mulheres (ou os números pares) passam as suas por cima indo no sentido horário; alternando-se o giro dos dançarinos as fitas se entrelaçam em uma bela e harmoniosa tessitura. O mastro pode ser deixado no mesmo lugar para fixar as energias por ele armazenadas, ou guardado com respeito para ser usado no ano seguinte. O casamento sagrado era um ponto importante nas celebrações e o casal formado pela Rainha e o Rei era escolhido antigamente apenas entre os sacerdotes, mas aos poucos foi sendo esquecido o papel do Rei e continuada a tradição apenas com a escolha da “Rainha de Maio” como a jovem mais bonita, apesar desta data simbolizar a união dos opostos em uma harmoniosa interação e complementação.

A origem do mastro como centro de celebrações era muito antiga, existindo em vários cultos xamânicos e tribais em que representava o Eixo ou a Árvore do Mundo, ao cujo redor giravam os diversos mundos sutis. No culto da deusa Cibele do início da primavera, um pinheiro representava o Seu amado Attis, que era envolto em panos de algodão e consagrado pelo sangue derramado pelos sacerdotes, lembrando a morte e reenecendo o renascimento sazonal do deus. Neste ritual, o branco dos panos representava a morte, enquanto o vermelho do sangue trazia a vida, cores simbólicas que continuaram sendo preservadas nos rituais de Maio.

O primeiro dia de maio ainda é celebrado em vários países como um festival da primavera e como o Dia do Trabalho em alguns países. Em diversos lugares continua sendo usado o Mastro de Maio e a dança de fitas ao seu redor, mesmo que o significado da cerimônia ou da festa seja diferente. Por exemplo, nos Estados Unidos e na Inglaterra algumas escolas celebram a chegada da primavera com danças de fitas ao redor do mastro, em Irlanda as pessoas vão em procissão na antiga data de Beltane para círculos de menires buscando sua cura e ofertando flores, fitas e vinho. A dança das fitas e suas variações aparecem em alguns países latino americanos como Venezuela e Peru, supondo-se que ela fazia parte da tradição maia. No Brasil, em vários estados, grupos folclóricos a usam em festas populares ou religiosas como nas “Festas do Rosário” em Minas Gerais, na “Festa do Divino” em São Paulo, nas danças dos arcos e flores em Santa Catarina, onde se diversifica nas danças do ziguezague, trenzinho e feiticeira. No Rio Grande do Sul a dança de pares em forma de ciranda gira ao redor do mastro criando desenhos de trama, trança e rede de pescador.

Independentemente da tradição ou filiação religiosa, esta antiga data sagrada continua impressa na memória coletiva de inúmeros povos e representa um marco no giro da Roda do Ano, em que podem ser feitas purificações coletivas ao redor de uma fogueira, celebrando depois com danças circulares ao redor de um Mastro, real ou em miniatura. No dia seguinte, o início do mês será dedicado ao amor e à celebração das uniões, selando ou consagrando um relacionamento com as bênçãos dos princípios divinos, masculino e feminino, refletidos e representados pela sua contraparte humana. ☘





De dentro para fora

Ideal(ização) x Real(ização)

O mundo do que é ideal é objeto das nossas mais altas aspirações: relações ideais, amor ideal, casa ideal, roupa ideal, carro ideal, amizade ideal. Aspirar tais coisas, entretanto, por vezes nos leva a nos perdermos no universo das idealizações, distanciando-nos cada vez mais do que se mostra "real" e do que nos é possível realizar.

As idealizações têm a capacidade de nos tirar do aqui-e-agora e nos projetar no que deveria ser. Tira o nosso poder e nossa capacidade de lançar um olhar admirativo a tudo o que o mundo apresenta a nós no agora e nos projeta em um mundo inalcançável por que perfeito. Estamos em constante processo de vir a ser, caminhando rumo ao nosso crescimento que é contínuo e por isso inacabável e imperfeito. É isso que nos move, que nos leva adiante.

As idealizações que formamos de nós e do outro nos distanciam da natureza de ambos. Uma natureza que é limitada, mas nem por isso menos sublime. A idealização é uma forma de negação e aprisionamento do ser. Exigimos do outro, ainda que sutilmente, que ele deixe de ser quem é e passe a ser quem gostaríamos que ele fosse. Estamos promovendo aí um roubo da autenticidade e da identidade.

A identidade nos diz quem somos. Quando idealizo me perco do que sou, já não sei mais o que me identifica. A máscara que foi criada já parece tão adaptada ao rosto que já não sei quem sou e quem o outro é sem ela. Nesse processo reforçamos e reafirmamos o que não somos e o que o outro não é e nos distanciamos de tudo o que, em potência, podemos ser.

Quando idealizamos saímos do campo do possível, do "real" e por consequência saímos do campo da nossa potência, da nossa capacidade de realização. Na idealização entramos no universo do perfeito e do onipotente. Deste modo, nos perdemos da nossa potência chegando, às vezes, por não alcançar o que foi idealizado, a acreditar que somos impotentes.

O mundo de projeções e idealizações é um mundo de mentiras que nos tira do caminho da nossa verdade, que nos tira de nossa capacidade de realização. Começar a trilhar o caminho de redescoberta da nossa identidade para tirarmos o véu das idealizações, passa necessariamente por descobrir o que nos move, o que nos traz o enlevo da alma, o que é importante para nós, enfim, qual é o nosso universo de sentido. E esse processo exige um olhar que seja "de dentro para fora".

Paula Paz

Críticas, Elogios,
Comentários, Partilhas e
Sugestões
Escreva para
deusaviva@teiadethea.org

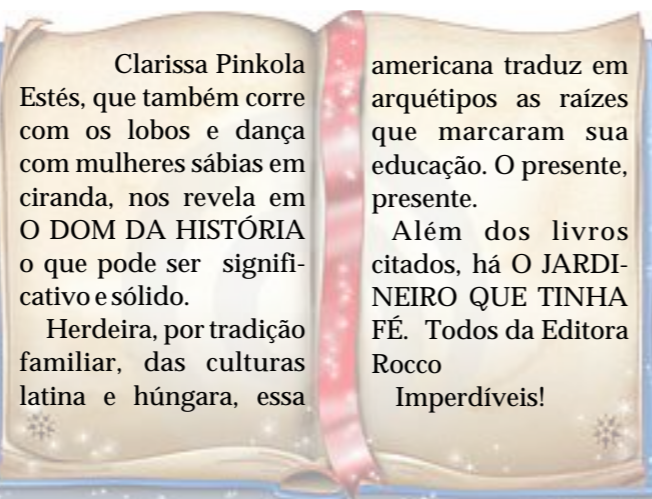


Dicas da Clara

Clara Barreiro



O que é suficiente?



Clarissa Pinkola Estés, que também corre com os lobos e dança com mulheres sábias em ciranda, nos revela em O DOM DA HISTÓRIA o que pode ser significativo e sólido.

Herdeira, por tradição familiar, das culturas latina e húngara, essa

americana traduz em arquétipos as raízes que marcaram sua educação. O presente, presente.

Além dos livros citados, há O JARDINEIRO QUE TINHA FÉ. Todos da Editora Rocco Imperdíveis!



Tome uma atitude sustentável

Da próxima vez que for as compras, que tal recusar as embalagens descartáveis oferecidas e colocar na própria bolsa, se forem pequenos objetos, ou carregar a velha e sempre atual sacola não retornável? Há modelos diversos dos mais distintos e inusitados materiais. A minha é de retalhos de sobras de jeans feito por uma Ong paulistana, a Recicla Jeans, mas há modelos para todos os gostos. Os mercados têm disponibilizado também caixas de papelão em substituição as sacolinhas de plástico, para aqueles que desejarem. Pratique esses RR, RECUSAR e REPENSAR, a vida agradece.



Visite nosso site
www.teiadethea.org

Arte na vida

A Deusa escreve certo por linhas tortas...

A Deusa escreve certo por linhas tortas...

Aprendi a ler em linha reta

Sou analfabeta na tortura, tortura das linhas retas de minha vida.

Não há fé em meu coração

Há dor em meu peito.

Quisera eu saber dos passos à frente,

Quisera eu tirar você da minha mente.

Quisera eu entender mais dos

escritos divinos.

Quem dera pudesse entender os badalos dos meus sinos.

A Deusa escreve certo por linhas tortas...

Tortas, mortas.

Eu ando torta em estradas retas,

Saio sempre do caminho e perco a fé!

...

Aqui estou! Eis-me inteira, total completamente ampla, irrestrita, destemida, em passos firmes, sólidos, direcionada, com sede, com fome ardente desejo que me sacode, me move decidida para esta comovente beleza, poderosa manifestação de vida latente, feroz... Mergulhei profundamente...e mergulhada neste denso lamaçal escuro pude tocar o fundo duro, pedregoso e áspero de mim mesma.

E assim pude, finalmente, lançar-me num impulso de volta à superfície calma e lisa de meu ser e sem me perder no caminho aguardo e anseio pelo próximo, excitante e desejado mergulho ao resgate de mais um pedaço enterrado, fragmentos que um a um me trazem a inteireza tão desejada...

Mônica Rivera

Próximo Mês

Ritual de Plenilúnio
Celebração das Deusa do Destino
As Moiras

Os romanos reverenciavam as três Moiras como *Clotho*, a tecelã, aquela que tece o fio da vida; *Lachesis*, a medidora, aquela que o avalia e o mede; e *Atropos*, a inevitável, aquela que o corta com a sua tesoura mágica. Vamos honrar as Tecelãs dos Destinos em um ritual de cura e libertação para que possamos renovar a tecitura de nossas vidas com harmonia, graça e plenitude!

27 de maio, quinta-feira

20h, na Unipaz

Somente para mulheres

Consulte a lista de material necessário para o ritual em www.teiadethea.org

Livraria Transdisciplinar Holística

Por Isabela Crema



Na tentativa de espalharmos as sementinhas de um novo paradigma - capaz de nos auxiliar na construção de uma Cultura de Paz e não violência, criamos nossa Livraria Transdisciplinar Holística Ambulante, que tem como missão divulgar livros (e, futuramente, cds), que nem sempre são fáceis de encontrar por aí, alinhados e comprometidos com o objetivo maior de transformar nossa realidade atual, além de alguns artigos dos autores dos livros que podem ser acessados gratuitamente pelo menu no lado direito da tela do blog (páginas).

Além dos livros de Roberto Crema, Pierre Weil e Jean Yves Leloup, em breve teremos mais títulos de outros autores, além de cds, contemplando todas as quatro áreas do conhecimento das quais o Paradigma Transdisciplinar Holístico representa o ponto de encontro: Arte, filosofia, ciência e tradição.

Para tanto, criamos nosso espaço virtual - um BLOG, onde estamos divulgando e dando detalhes sobre todos os livros que temos disponíveis para compra, promoções e até nosso SEBINHO TRANSDISCIPLINAR HOLÍSTICO AMBULANTE, com livros em excelente estado de conservação a preços bem camaradas!

Nosso endereço virtual é:
<http://livrariambulante.blogspot.com>
e nosso e-mail para contato, compras, vendas e etc:
livrariambulante@gmail.com
Esperamos que gostem!
Que haja Paz, Paz, Paz!

AGENDA 2010

*27 de maio: Plenilúnio: Celebração das Deusas do Destino - As Moiras

*26 de junho: Plenilúnio e solstício: Reverência à Mãe Ancestral e aos espíritos da natureza.

*25 de julho: Plenilúnio: Celebração das Deusas Serpentes

*1º de agosto: Festival da colheita - aberto também para homens

*24 de agosto: Plenilúnio: Celebração das Deusas do Mar

*23 de setembro: Comemoração do Equinócio: A volta de Perséfone - apenas para mulheres

*22 de outubro: Plenilúnio: Celebração da Deusa havaiana Pele

*31 de outubro: Samhain: Celebração das Ancestrais - apenas para mulheres

*21 de novembro: Plenilúnio: Celebração da Deusa Celta Cailleach

Edição e Diagramação: Nane Silva
Revisão: Lacy Silva e Adriana Jaccoud

Informações: Luzia - 81481650; Nane - 96779453; Andrea - 34084065
Web: www.teiadethea.org teiadethea@teiadethea.org
deusaviva@teiadethea.org

Bibliografia: «O Anuário da Grande Mãe» de Mirella Faur
Imagens da Internet;